

A economia da cibernética

Paul Mattick

Link: <https://www.marxists.org/archive/mattick-paul/1962/cybernation.htm>

I

O marxismo é frequentemente entendido como uma "teoria do subconsumo" e, como tal, é facilmente refutado pela evidência empírica do aumento dos padrões de vida nas nações capitalistas. Ele também é visto como uma teoria de crises e depressões. A possibilidade atual de superar, e até mesmo evitar, as condições de crise parece provar que o marxismo está duplamente errado. No entanto, embora Marx tenha chamado a atenção para o poder de consumo limitado da população trabalhadora, sua teoria não era uma teoria do subconsumo; e embora ele visse o capitalismo assolado por crises, ele não tinha uma teoria definitiva da crise. A ausência do ciclo econômico não teria invalidado sua teoria de acumulação de capital.

Para o capitalismo da própria experiência de Marx, sua análise econômica foi muito direta e, por essa razão, encontrou uma adesão tão ampla. Isso agora é admitido de bom grado até mesmo por seus críticos, que argumentam que o marxismo, embora lide de forma realista com o passado desagradável do capitalismo, não é mais válido devido às recentes mudanças no sistema capitalista. Certos aspectos da teoria marxiana - o processo de concentração e centralização de capital, por exemplo - foram até incorporados à teoria *econômica* moderna, mudando suas conotações negativas para positivas. Além disso, a necessidade de um "exército industrial de reserva" para evitar que os salários invadam o lucro ainda é frequentemente enfatizada.

Embora Marx tenha visto o desemprego como um fato social e como uma arma nas relações capital-trabalho, ele acreditava que o pleno emprego era tão possível quanto o desemprego. Tudo dependia da taxa de formação de capital. O deslocamento do trabalho humano pela máquina era o objetivo da industrialização capitalista, e o progresso era medido por ele. De fato, Marx não criticou o capitalismo tanto pelo que ele era e pelo que podia fazer quanto por suas limitações e sua incapacidade básica de desenvolver a produção social além da necessidade de manter as relações de classe social. Em relação ao passado, o capitalismo foi progressivo; em relação ao futuro, ele

se tornou um obstáculo ao pleno desenvolvimento da produção e, portanto, à eliminação das necessidades econômicas.

Marx não se dirigiu aos capitalistas, mas aos trabalhadores. Em sua opinião, somente eles eram capazes de acabar com as relações de classe ao abolir sua própria posição de classe, abrindo assim o caminho para um maior desenvolvimento das forças sociais de produção. Isso resultaria em um maior desenvolvimento tecnológico que levaria à abolição do trabalho humano ou, de qualquer forma, do trabalho humano indesejado e desagradável. O capitalismo, por ser socialmente limitado por meio de relações de classe específicas, foi considerado por Marx como economicamente limitado e um obstáculo ao avanço tecnológico.

Nessa última questão, também, Marx parece ter se enganado por causa da chamada segunda revolução industrial, caracterizada pela energia atômica e pela "automação". Estranhamente, porém, esse novo triunfo sobre os prognósticos sombrios de Marx raramente é celebrado como uma solução para os problemas sociais atuais. Em vez disso, ele é visto como o prenúncio de novas e talvez insolúveis dificuldades. A suspeita de que há uma possível incompatibilidade entre a nova tecnologia e as relações socioeconômicas predominantes está presente na crescente literatura sobre automação. Embora a maioria das dificuldades do sistema capitalista tenha sido aparentemente superada, o problema com o qual Marx menos se preocupava, ou seja, o desemprego permanente e em larga escala, parece ser a última, mas também a mais importante de todas as contradições capitalistas.

II

Não estamos preocupados aqui com as vastas ramificações da cibernética, ou a ciência do controle, que afeta os processos naturais, bem como os sistemas sociais e tecnológicos, mas apenas com sua aplicação atual à produção e distribuição capitalista. Embora o tipo de economia defina o tipo de sociedade, não trataremos de todas as implicações sociais da cibernética, mas apenas da relação mais estreita entre a cibernética e a economia, ou seja, dos possíveis efeitos da tecnologia emergente sobre as relações econômicas e políticas existentes.

Desde seu início, o fundador da cibernética, Norbert Wiener, sentiu-se inclinado a apontar os problemas sociais envolvidos em sua aplicação aos processos de produção. A máquina automática, escreveu ele, "é o equivalente econômico exato do trabalho

escravo. Qualquer trabalho que concorra com o trabalho escravo deve aceitar as condições econômicas do trabalho escravo. É perfeitamente claro que isso produzirá uma situação de desemprego em comparação com a qual a recessão atual e até mesmo a depressão dos anos 30 parecerão uma piada agradável.¹ " Uma década depois, a preocupação com os autômatos era bastante generalizada. Havia alguns, com certeza, que estavam certos de que "guiado pela eletrônica, alimentado pela energia atômica, voltado para o funcionamento suave e sem esforço da automação, o tapete mágico de nossa economia livre se dirige para horizontes distantes e inimagináveis.² " Na realidade, porém, "os Estados Unidos estão avançando rapidamente para uma economia nacional na qual não haverá empregos suficientes do tipo convencional para todos.³ " O próprio presidente Kennedy declarou que encontrar trabalho para os homens deve ser considerado "o maior desafio doméstico dos anos 60". " ⁴

Não há escassez de dados sobre automação. Suas estatísticas variáveis aparecem em todos os lugares, na imprensa diária e em publicações trabalhistas. Essas estatísticas simplesmente indicam o aumento da produtividade, da produção e da lucratividade por meio da redução da força de trabalho. O impacto da automação difere de acordo com os diferentes setores. Ele é particularmente perceptível nos setores têxtil, de mineração de carvão, petróleo, aço, produtos químicos, ferroviário e automotivo, mas afeta cada vez mais toda a produção em larga escala, bem como as atividades comerciais e organizacionais e, até certo ponto, até mesmo a agricultura. Ela elimina os empregos de "colarinho branco" e "colarinho azul" - no momento, mais os últimos do que os primeiros. Mas isso pode mudar com o tempo.

No entanto, a automação ainda está em seus primórdios e o número atual de desempregados pode não ser atribuído a deslocamentos de mão de obra por meio da automação, embora os trabalhadores claramente percam seus empregos por causa dela. O fato de eles não conseguirem encontrar outro emprego pode ser resultado de uma taxa decrescente de formação de capital, e não da automação. Afinal de contas, havia dezesseis milhões de desempregados nos Estados Unidos durante a Grande Depressão. A substituição de mão de obra por máquinas tem sido contínua e não impediu o crescimento constante da força de trabalho. Teme-se, no entanto, que a automação seja

¹ Norbert Wiener, *The Human Use of Human Beings*, Nova York, 1954, p. 162.

² *Calling all Jobs*, National Association of Manufacturers, Nova York, outubro de 1957, p. 21.

³ W. H. Ferry, *Caught on the Horn of Plenty*, Center for the Study of Democratic Institutions, janeiro de 1962, p. 1.

⁴ *The New York Times*, 16 de fevereiro de 1962.

tão diferente em grau do desenvolvimento tecnológico anterior que chegue a ser uma diferença em espécie. Acredita-se que o problema social que ela representa seja único e não possa ser respondido por analogia com condições passadas.

III

Ao avaliar o impacto anterior da automação sobre a economia americana, Donald N. Michael⁵ tentou recentemente fazer um prognóstico de suas possíveis consequências sociais nas próximas duas décadas. Seu estudo baseia-se em várias suposições, todas elas implicando que as tendências permanecerão, em grande parte, como são agora e como foram nos últimos dez anos. Michael emprega o termo "cibernação" para explicar simultaneamente a "automação" e os "computadores", que geralmente andam juntos na aplicação da cibernética aos processos de produção. Não vamos nos preocupar com todos os maravilhosos recursos existentes e potenciais da cibernação. Uma grande e crescente literatura se encarrega disso. Apenas indicaremos o que Michael considera serem as vantagens e os problemas da cibernética.

As vantagens, tanto para as empresas quanto para os governos, são claramente "aumentar a produção e reduzir os custos", a fim de manter o sucesso na concorrência privada e nacional. Quaisquer outras vantagens mencionadas por Michael, como "reduzir a magnitude das tarefas de relacionamento humano da gerência; maior racionalização das atividades gerenciais; liberar a gerência de distrações insignificantes; maior liberdade na localização de instalações" e assim por diante, são todos aspectos ou expressões diferentes do barateamento da produção. Expresso no estilo elegante de Michael: "Se os critérios forem controle, compreensão e lucros, há fortes razões para que o governo e as empresas queiram e, na verdade, tenham que expandir a cibernação o mais rápido possível." ⁶

As vantagens da cibernação podem, no entanto, ser compensadas pelo problema do desemprego que acabará afetando todas as ocupações; os não qualificados *mais* do que os qualificados - trabalhadores negros, conseqüentemente, mais do que trabalhadores brancos. A transferência anterior do setor de produção para o setor de serviços chegará ao fim. "Se as pessoas custam mais do que as máquinas - seja em dinheiro ou por causa do esforço gerencial envolvido - haverá fortes incentivos para substituí-las de uma forma ou de outra na maioria das atividades de serviços em que

⁵ *Cybernation: The Silent Conquest*, Center for the Study of Democratic Institutions, 1962.

⁶ *Ibid.*, p. 13.

elas executam tarefas rotineiras e predefinidas.⁷ " Como a tecnologia permite que menos pessoas façam mais trabalho, muitos dos empregos intermediários de gerência de classe média também desaparecerão. Tudo isso enquanto "os Estados Unidos precisarão de mais 13.500.000 empregos nos anos 60 apenas para acompanhar o crescimento esperado da força de trabalho. " ⁸

Existem, é claro, respostas para o dilema projetado, como o retreinamento e a atualização da mão de obra e a redução das horas de trabalho pelo mesmo salário, ou até mesmo reduções de preço que levem a uma maior demanda dos consumidores e, conseqüentemente, ao aumento da produção e do emprego. Mas como todos os trabalhadores são afetados pela cibernação, Michael acha que essas propostas não resolverão o problema. Sua própria sugestão é um grande programa de obras públicas, pois "embora a proporção de trabalhadores necessários para qualquer tarefa específica seja reduzida com o uso da cibernação, o número total de tarefas que precisam ser realizadas pode ser igual ou superior ao número absoluto de pessoas disponíveis para realizá-las.⁹ " No entanto, ele acha que essa política seria contrária ao espírito capitalista. Portanto, pode ser autodestrutivo para a livre iniciativa incentivar a cibernação.

Embora as conseqüências da cibernação possam colocar em risco o sistema de livre iniciativa, a própria continuidade desse sistema obriga o aumento da cibernação. Michael vê o dilema com clareza: embora a perspectiva seja desfavorável *com a* cibernação, ela é igualmente ruim *sem* ela. Ele vê apenas uma solução parcial no maior controle governamental e no planejamento nacional. A ideologia e as metas precisam mudar, e a centralização necessária da autoridade "parece implicar uma elite governante e a aceitação popular dessa elite". Se os novos padrões de comportamento em evolução não complementarem o futuro cibernético, a frustração e a inutilidade "podem evocar uma guerra de desespero - aparentemente contra algum inimigo externo, mas, na verdade, uma guerra para tornar o mundo seguro para os seres humanos, destruindo a maior parte da sofisticada base tecnológica da sociedade.¹⁰ " Obviamente, seria uma guerra em que a tecnologia sofisticada serviria para destruir a maior parte da humanidade.

⁷ *Ibid.*, p. 16.

⁸ *The New York Times*, 6 de abril de 1961, p. 18.

⁹ D. N. Michael, *Cybernation*, p. 26.

¹⁰ *Ibid.*, p. 46.

IV

"Nada é comido tão quente quanto quando está cozido", como diz o ditado. Embora agora pareça que a cibernação pode ser o nosso fim, ainda resta alguma esperança justamente por causa de sua possível incompatibilidade com o sistema capitalista. Se esse sistema for modificado, a maldição da cibernação pode muito bem se transformar em uma bênção. Também ocorreu a Michael que o sistema social pode ser alterado, mas apenas para adequá-lo aos fatos da cibernação. Como uma resposta "deve ser encontrada em outro lugar que não em uma moratória sobre seu desenvolvimento", ele acha que a própria cibernação determinará quais serão as respostas. E isso explica o tom pessimista de seu relatório, que termina com a triste declaração de que a persistência das atitudes sociais predominantes está "nos conduzindo cada vez mais inexoravelmente a um mundo contraditório dirigido por (e para?) escravos cada vez mais inteligentes e cada vez mais versáteis. " ¹¹

O mundo fetichista da produção de capital de Marx é aqui reduzido ao fetichismo da tecnologia. No entanto, tanto o desenvolvimento tecnológico quanto a formação de capital correspondem a relações sociais subjacentes e podem ser alterados pela modificação dessas relações. Além disso, embora a cibernética aumente o desenvolvimento do capital, ela também é limitada pelas relações capital-trabalho. Esse é um fenômeno familiar; a monopolização, por exemplo, é tanto um instrumento de expansão quanto de contração do capital, e a busca por lucros reduz a rentabilidade de qualquer quantidade de capital. Sem entrar nessas questões bastante complexas, deve ficar claro que qualquer prognóstico com relação ao processo de cibernação deve, antes de tudo, levantar a questão de até que ponto esse processo é suportável pela economia existente. O que é viável tecnicamente pode não ser economicamente; e o que pode ser viável economicamente pode não ser socialmente. Mas essa questão quase nunca é levantada, aparentemente com base no pressuposto de que o capitalismo não tem limites inerentes.

Essa suposição é justificada por acontecimentos passados. Até mesmo Lênin disse que, a menos que seja derrubado por meios políticos, sempre haverá uma saída para o capitalismo. Mas isso foi antes da cibernética e da bomba de hidrogênio. Entre as várias razões para declarar o capitalismo como a exclusiva "sociedade aberta" com uma gama ilimitada de possibilidades estava a falta de informações relevantes. Essa falta

¹¹ *Ibid.*

ainda persiste, mas não mais ao ponto da ignorância total. Alguns economistas começam a ver a sociedade e sua economia em fluxo e em termos reais, em vez de simbólicos.

Na mesma época em que o relatório de Michael sobre cibernação foi publicado, Simon Kuznets's *Capital in the American Economy*¹² foi publicado. Esse trabalho é de interesse aqui por causa da tentativa de Kuznets de avaliar as perspectivas para os próximos 25 anos com base nas tendências passadas da população, do produto nacional e da formação e financiamento do capital. Enquanto a ênfase de Michael está na tecnologia, a de Kuznets está na economia. O último faz distinção entre mudança tecnológica potencial e real. Embora o "conceito de mudança tecnológica potencial seja difícil de definir com precisão, muito menos de medir", escreve Kuznets, "ele é extremamente útil, pois aponta para o fato de que, do grande fluxo de mudança tecnológica oferecido, por assim dizer, à sociedade, apenas uma parte é incorporada à estrutura produtiva, principalmente devido a limitações de capital e de capacidade empresarial. " ¹³

Kuznets acredita, no entanto, que as próximas três décadas testemunharão uma aceleração da taxa de mudança tecnológica, principalmente por causa da aceleração do ritmo da pesquisa científica. Parece certo, diz ele, "que o desenvolvimento de aplicações não militares para a física nuclear, da eletrônica na automação e nas comunicações terá um imenso impacto sobre o sistema produtivo.¹⁴ " Tudo isso impulsionará a demanda por fundos de capital, e Kuznets não acha improvável que a nova tecnologia - de qualquer forma, inicialmente - exija capital em um montante que só pode ser obtido às custas do produto nacional. Em outras palavras, a instalação da nova tecnologia pode exigir uma parte maior da produção total para novos equipamentos de capital material e deixar uma parte correspondentemente menor para utilização e consumo imediatos.

Sempre foi assim no passado comprovado, sob condições de rápida formação de capital. E mesmo que os requisitos materiais da formação de capital possam ser mais formidáveis para a segunda revolução industrial do que foram para a primeira, eles podem ser alcançáveis, no entanto. Tanto mais que a nova tecnologia pode, eventualmente, exigir uma quantidade menor de capital para produzir um produto maior do que a tecnologia "convencional". Mas novos investimentos de capital precisam ser

¹² National Bureau of Economic Research, Princeton, 1961.

¹³ S. Kuznets, *Capital in the American Economy*, p. 442.

¹⁴ *Ibid.*, p. 443.

financiados. A questão é, então, "se os padrões de poupança no setor privado [da economia] sugerem proporções de poupança que corresponderão à demanda futura por capital".

A preocupação é apenas com o setor privado da economia, pois "o setor governamental provavelmente não terá economias líquidas em uma perspectiva de longo prazo. De fato, ele pode ser forçado a recorrer à poupança do setor privado.¹⁵ " Devido a um declínio real da propensão de poupança do setor privado, Kuznets acredita que a "pressão da demanda por bens sobre a oferta de poupança, já experimentada anteriormente, persistirá". Ele sugere, com cautela, que "durante a década de 1948-1957, uma combinação de demanda de alto nível por bens de consumo e níveis elevados e contínuos de saques do governo para consumo corrente pode ter mantido a poupança privada e a formação de capital abaixo da proporção necessária para aumentar a produtividade o suficiente para compensar as pressões inflacionárias.¹⁶ " Nesse contexto, e tendo em vista o crescimento esperado da população não produtiva, o aumento dos gastos do governo e a continuidade dos altos níveis de consumo, Kuznets teme que a oferta de poupança voluntária possa não ser adequada à demanda, razão pela qual "as pressões inflacionárias podem muito bem continuar, com o resultado de que parte da poupança necessária para a formação de capital e o consumo do governo será extraída por meio desse mecanismo específico. " ¹⁷

Esse "mecanismo específico" reduz o poder de consumo social total para menos do que seria se ele não existisse, e a diferença aumenta a lucratividade do capital e, portanto, a taxa de sua acumulação. Esse tipo de "poupança forçada" pode, ou não, gerar o capital necessário para aumentar a produtividade até o ponto em que a demanda por bens e capital seja totalmente atendida por sua oferta - acabando assim com a pressão inflacionária. O fato da inflação em si, entretanto, indica dificuldades reais em aumentar a taxa de formação de capital, o que pode - pelo menos até certo ponto - deter o processo de cibernação.

V

Embora a falta de capital de investimento possa dificultar a cibernação, essa mesma falta também é sua razão de ser. O aumento esperado da lucratividade deve levar

¹⁵ *Ibid.*, p. 453.

¹⁶ *Ibid.*, p. 457.

¹⁷ *Ibid.*, p. 460.

a uma extensão da produção suficientemente grande para compensar o deslocamento tecnológico da mão de obra. Essa é a ideia por trás do argumento de que todo avanço tecnológico, mais cedo ou mais tarde, cria novas e adicionais oportunidades de trabalho. Geralmente, ela é ilustrada com referência a empresas definidas e situações específicas, como, por exemplo, por Ritchie Calder, que apontou que "na França, a Renault Company, controlada pelo Estado, conseguiu empreender, após a guerra, a automação mais intensiva de qualquer fábrica de automóveis na Europa", em consequência da qual "três vezes mais trabalhadores estão empregados agora do que antes da introdução da automação". Calder acredita que esse é "um bom exemplo dos efeitos de repercussão da tecnologia moderna". " ¹⁸

Para a empresa Renault, isso sem dúvida é verdade, pelo menos por enquanto. E pode muito bem ser verdade para muitas, ou até mesmo para todas as empresas, na economia em expansão da Europa Ocidental, que vem experimentando o mesmo processo de crescimento que - por uma série de razões - ocorreu nos Estados Unidos algumas décadas antes. Porém, embora a taxa de formação de capital seja atualmente mais alta na Europa Ocidental do que nos Estados Unidos, não há garantia de que permanecerá assim indefinidamente. A julgar pelas experiências passadas, a prosperidade abre espaço para a depressão e, a julgar pelas experiências mais recentes, os períodos de expansão se alternam com períodos de estagnação, ou seja, períodos caracterizados pela formação insuficiente de capital. Obviamente, os efeitos da automação serão diferentes em condições de expansão de capital do que em condições de estagnação de capital. A atual situação americana pode ser, portanto, um "exemplo dos *efeitos de* repercussão da tecnologia moderna" tanto quanto a experiência de Calder com a Renault Company, ou mesmo com toda a economia da Europa Ocidental.

Desde que a produção se expanda e os mercados se ampliem, o aumento da automação pode ser acompanhado de pleno emprego. A automação também pode levar a uma produção maior e a novos mercados, apesar do aumento do desemprego. A aplicação da automação também pode exigir a eliminação do que é chamado de "demanda excessiva", ou seja, salários sustentados pelo pleno emprego que restringem a lucratividade do capital. Tudo depende da situação específica em que se encontram uma empresa, um país ou uma combinação de nações. Pois este é um mundo competitivo com oportunidades variáveis. Atualmente, a Europa Ocidental automatiza com uma força de trabalho em ascensão e os Estados Unidos com uma força de trabalho em

¹⁸ Ritchie Calder, *Technology: Europe's Needs and Resources*, Nova York, 1961, p. 789.

declínio. Em teoria, esse quadro pode ser revertido quando os Estados Unidos atingirem uma taxa mais alta de formação de capital e a Europa alcançar os limites de sua expansão de capital lucrativa. Ou, o que é mais provável, aqui também a Europa Ocidental pode vir a imitar os Estados Unidos e se tornar uma cibernética com o aumento do desemprego. De qualquer forma, é melhor nos atermos ao cenário americano, pois enquanto a economia da Europa Ocidental não for basicamente diferente da americana, ela estará fadada a compartilhar as dificuldades desta última com relação à cibernação e à formação de capital.

Isso não é verdade para o bloco de poder do Leste ou para as nações economicamente subdesenvolvidas. Embora se afirme, de tempos em tempos, que os países atrasados "têm a vantagem de poder adaptar os equipamentos mais recentes sem ter que sucatear os equipamentos existentes e sem serem prejudicados pela existência de edifícios obsoletos¹⁹", essa vantagem não existe de fato. A industrialização lentamente crescente dos países subdesenvolvidos aumenta a lacuna de produtividade entre os países "ricos" e "pobres" pelo simples fato de que as nações desenvolvidas desfrutam das vantagens da automação. É verdade, é claro, que a automação também tem aplicação em países subdesenvolvidos - em alguns setores extrativistas, por exemplo -, mas aqui ela apoia o capital estrangeiro em vez do desenvolvimento nativo. O desenvolvimento tecnológico em nações subdesenvolvidas pressupõe mudanças sociais básicas que só agora estão começando a determinar seus movimentos políticos.

Nas nações desenvolvidas do bloco de poder oriental, assim como nas nações capitalistas em geral, a automação é limitada pela disponibilidade do capital necessário para instalá-la. Diferentemente das economias ocidentais competitivas, no entanto, as economias centralizadas da Rússia e de seus satélites não parecem temer as consequências da cibernação. Sua produtividade e produção total ainda estão abaixo das nações ocidentais, e a automação, na medida do possível nessas condições, não poderia levar ao desemprego em larga escala. Seu problema é como diminuir o trabalho humano por meio de uma estrutura de capital mais produtiva. Aproximadamente metade da população da Rússia, por exemplo, ainda está envolvida com a agricultura e, em vista do tamanho do país e de sua população, há uma falta geral de meios de produção, para não falar de bens duráveis para os consumidores ou mesmo de bens de consumo simples. Sem dúvida, também existem indústrias altamente automatizadas, mas ainda

¹⁹ P. Einzig, *The Economic Consequences of Automation*, Nova York, 1957, p. 65.

não a ponto de elevar a produtividade média social ao nível da que prevalece no Ocidente.

Em princípio, é claro, a natureza centralizada do capitalismo russo permite uma aplicação mais ampla da cibernética aos processos sociais e de produção do que é possível nas economias ocidentais. E isso, por sua vez, promete uma aceleração da automação concomitante ao aumento geral da produtividade. O planejamento econômico, por exemplo, é uma das áreas mais importantes de aplicação da cibernética. Mas enquanto nas economias competitivas o "planejamento" implica em "contraplanejamento", nas economias centralizadas o planejamento pode ser unitário, nacional e abrangente. É por isso que muitos dos defensores ocidentais da abundância por meio da cibernética enfatizam a necessidade de planejamento nacional tanto da produção quanto da distribuição. Mas, dessa forma, as economias ocidentais deixariam de ser economias capitalistas no sentido tradicional.

VI

A economia americana é considerada "afluente" porque seus padrões de vida são mais altos do que em qualquer outro lugar. Eles são mais altos devido à maior produtividade. Em comparação com as economias de escassez, é uma economia de "abundância" - mas apenas em um sentido relativo, não absoluto - pois, em geral, mesmo nos Estados Unidos, ninguém tem suas necessidades satisfeitas. Todos desejam mais, se não para as necessidades, então para os luxos. Quanto mais ricas as pessoas, maiores são suas necessidades, pois a segurança reside apenas na acumulação. A única defesa real do bem-estar é um bem-estar maior; para permanecer rico, a riqueza deve ser constantemente aumentada. Mas aqui estamos falando apenas da classe capitalista; para a maioria da população, os luxos aparentes se tornaram necessidades e, para uma grande minoria, muitas necessidades ainda são luxos.

O fato de essa economia de "abundância" ser simultaneamente uma economia de escassez é indicado pelos esforços frenéticos para aumentar a rentabilidade do capital e aumentar a taxa de crescimento econômico. Mas o que é escasso em vista do produto nacional sempre maior? A resposta é óbvia quando se reconhece a economia pelo que ela é - um veículo para a produção de lucro. A produção de commodities é meramente o meio necessário para a produção de lucros, e a continuação desse processo exige o acúmulo de capital. O sucesso ou o fracasso não podem ser medidos em termos de

abundância ou falta de commodities; eles são revelados pela taxa de formação de capital, que indica a taxa de lucratividade.

A maioria dos críticos e defensores da "sociedade afluyente" tende a desconsiderar a natureza do capitalismo, ou seja, a produção de capital, mesmo quando reconhecem sua motivação de lucro. Eles consideram o incentivo ao lucro um instrumento de produção que não tem outro fim senão o consumo. Como esse fim também pode ser alcançado por decisões governamentais diretas que afetam o processo de produção, eles acham que esses dois instrumentos se complementam. Assim, parece pura estupidez viver em uma sociedade de abundância como se fosse uma economia de escassez. É claro que está além de qualquer razão e, portanto, é difícil entender que, enquanto excedentes de todos os tipos estão apodrecendo por falta de uso, a ênfase econômica ainda deve estar em mais produção por meio da cibernação. Parece igualmente irracional que o "chifre da abundância" não seja utilizado para libertar as pessoas do trabalho excessivo ou para fornecer condições de vida decentes àqueles que não conseguem mais encontrar trabalho.

Em uma economia capitalista do tipo russo, decisões diretas (que supostamente afetam toda a sociedade) são tomadas com relação à taxa de expansão e ao caráter da estrutura de capital material. As decisões são baseadas na experiência e, se derem errado, são retificadas por novas experiências. O tempo e a extensão da automação industrial são determinados pelo fundo de acumulação disponível e pelas necessidades de substituição do aparato produtivo existente. Esse fundo é conhecido de forma geral; ele pode ser reduzido ou aumentado de acordo com as decisões que afetam o fundo de consumo. Embora expressas em termos monetários, por trás das quantidades monetárias estão as relações reais organizadas de produção, acumulação e consumo.

Em teoria, e excluindo as catástrofes naturais e políticas, a introdução e a extensão da cibernação poderiam ser um processo ordenado. A produção poderia ser aumentada até o ponto de abundância e o tempo de trabalho poderia ser reduzido, ou ambos os processos poderiam ser atendidos simultaneamente e, portanto, desacelerados. Na prática, isso não é possível, pois a Rússia faz parte da economia mundial e compete com outras nações que lutam pela supremacia política e econômica. No entanto, embora a produção e o consumo não possam ser orientados exclusivamente para as necessidades sociais reais, eles estão sujeitos a um controle centralizado geral que também se estende às modificações exigidas pela concorrência nacional. Em resumo, embora sujeita às vicissitudes da política mundial que podem alterar ou destruir todos os

planos, a Rússia continua sendo uma economia controlada pelo Estado na medida em que o cenário interno não é afetado por ocorrências externas. Isso é análogo à racionalidade capitalista estrita de uma única empresa dentro do sistema anárquico do *laissez-faire*. /

É diferente com a "economia mista" dos Estados Unidos. A responsabilidade pelo estado da sociedade está nas mãos do governo; a empresa privada é responsável apenas por si mesma, ou seja, pela lucratividade do capital investido nela. Houve uma época em que as responsabilidades do governo eram predominantemente políticas e econômicas apenas no sentido de seu apoio ao capital privado. Atualmente, porém, a principal função do governo é garantir a estabilidade econômica e social. Isso implica intervenções na economia para neutralizar o movimento cíclico da prosperidade para a depressão e evitar o desemprego em larga escala por meio de gastos governamentais com bem-estar, obras públicas, subsídios, armamentos e a expansão do próprio governo. O papel econômico do governo divide toda a economia em um "setor público" e um "setor privado".

Falar da economia americana como uma economia de dois setores é falar em termos abstratos. Na realidade, é apenas uma economia na qual o governo intervém com meios fiscais e monetários. Embora o governo possua muitos imóveis, uma quantidade considerável de equipamentos de capital e empregue um grande número de trabalhadores em todos os tipos de ocupações, ele não compete com o capital privado. Suas considerações podem ser econômicas, mas não estão vinculadas ao princípio da lucratividade. Seus empreendimentos não acabam em falência, embora possam ser descontinuados quando supérfluos ou por falta de eficiência. Não importa quão autossustentáveis, ou mesmo lucrativos, sejam alguns empreendimentos governamentais, o governo ainda exige uma parcela cada vez maior do produto nacional produzido pelo setor privado. O setor privado difere do setor público porque o primeiro é lucrativo e se expande por conta própria, enquanto o segundo não é lucrativo e se expande às custas do setor privado. Quando o setor privado cresce mais rapidamente do que o setor público, a lucratividade do capital privado pode não ser afetada. O contrário ocorre quando o setor público apresenta um crescimento mais rápido.

Pode-se argumentar que o governo entra na esfera econômica somente quando o capital privado começa a afrouxar e, por essa razão, sua lucratividade não é afetada, pois os negócios não seriam melhores sem as intervenções do governo. Isso pode até ser verdade. Entretanto, embora a interferência do governo consista em colocar recursos

ociosos para trabalhar, os fundos para esse fim são extraídos do setor privado por meio de inflação, impostos, empréstimos e financiamento de déficit, o que aumenta a dívida nacional. O maior produto nacional gerado dessa forma não implica lucros maiores, mas menores sobre o capital privado existente, pois é esse capital que deve gerar os impostos necessários para cobrir a demanda criada pelo governo e financiar os juros da dívida nacional.

Nas últimas décadas, o aumento do volume de gastos do governo nos Estados Unidos envolveu uma proporção crescente de impostos em relação ao produto nacional e o aumento da dívida federal de US\$ 16 bilhões no final de 1930 para US\$ 297,7 bilhões no início de 1962. Até o momento, no entanto, a expansão do papel do governo, cuja arrecadação de impostos é agora cerca de um quarto do produto nacional, não levou a uma desaceleração da taxa de crescimento econômico geral. Mas essa taxa também não foi acelerada, embora a aceleração seja uma condição prévia para a manutenção de uma determinada taxa de lucro. A estagnação e a persistência da inflação apontam para a dificuldade de satisfazer tanto a formação de capital lucrativo quanto as crescentes necessidades do governo.

Desde 1955, não houve expansão significativa do capital, mas como os gastos do governo também permaneceram estáticos, o consequente declínio da lucratividade pôde ser encoberto por ganhos falsos e inflacionários. A falta de lucratividade só pode ser superada por um aumento na produtividade. Um mero aumento na produção não será suficiente. A indústria americana como um todo produz cerca de 20% abaixo de sua capacidade. Ela poderia aumentar a produção em quase um quinto sem equipamentos de capital adicionais e sem esgotar a oferta de mão de obra. Nessa medida, ela poderia diminuir imediatamente a participação do governo no produto nacional total. Mas essa capacidade não utilizada é considerada obsoleta porque não é competitiva e, portanto, não é lucrativa.

VII

A automação em uma economia competitiva significa desemprego se o prognóstico de Michael estiver correto. O processo pode ser desacelerado pela falta de poupança se as tendências recentes nesse sentido, conforme observado por Kuznets, prevalecerem. Há também a esperança de novos mercados grandes o suficiente para aumentar o número de empregados apesar da automação, como tem acontecido em

alguns setores e até mesmo em algumas nações. No entanto, com a industrialização fomentada até certo ponto em quase todos os lugares, com o retorno da capacidade competitiva da Europa e com o relativo isolamento econômico do bloco de potências do Leste, não se pode esperar que a maior produtividade da indústria americana por meio da automação leve a uma ampliação significativa dos mercados. A automação continuará e o desemprego crescerá, embora talvez em um ritmo mais lento do que o possível ritmo da mudança tecnológica. As responsabilidades do governo crescerão de forma correspondente.

Em 1961, a arrecadação de impostos por todos os governos dos Estados Unidos - federal, estadual e municipal - foi de US\$ 143,6 bilhões, ou 27,6% do produto nacional total. Os gastos do governo, no mesmo ano, totalizaram US\$ 149,8 bilhões, dos quais US\$ 41,2 bilhões foram destinados a gastos com desemprego e bem-estar social. Uma duplicação do desemprego, com seu acompanhamento de miséria geral, poderia praticamente dobrar essa soma. Nesse sentido, a lucratividade obtida com o aumento da produtividade seria reduzida. O mesmo aconteceria se os gastos do governo com armamentos ou com qualquer outra finalidade desejada e politicamente viável pudessem ser repentinamente duplicados. Sem dúvida, a automação também baratearia os produtos que cabem ao governo e, dessa forma, aliviaria novamente o ônus do capital privado. No entanto, isso pode ser compensado por uma extensão mais rápida das demandas do governo sobre o setor privado da economia.

Porém, isso, por si só, mais apressará do que dificultará o processo de automação. Assim como em todas as ocasiões anteriores de "emergências nacionais", o aumento necessário na produção e na produtividade será obtido pelo governo por meio de mais inflação, novos empréstimos, impostos mais altos e, talvez, simplesmente confiscando as melhorias e ampliações necessárias do aparato produtivo. Pois os únicos limites reais da produção são sempre os recursos produtivos realmente existentes. Ao desconsiderar a lucratividade do capital existente - mesmo que apenas temporariamente - é sempre possível ampliar a produção para além do nível que melhor se adapta ao capital privado, ou seja, que é, em um determinado momento, o mais lucrativo.

Entretanto, também por conta própria, o capital privado sempre tentará aumentar sua produtividade em busca de lucros extras ou apenas para manter uma determinada lucratividade. Não importa quais sejam as consequências sociais da cibernação, se ela ajudar uma única empresa ou corporação, ela será utilizada. Uma taxa de poupança em declínio não interromperá o processo de cibernação das empresas com reservas

suficientes para financiar suas inovações tecnológicas. Embora o valor de seu capital possa permanecer o mesmo, sua produtividade terá sido aprimorada. Mas se isso, por sua vez, não levar à ampliação do capital, o processo não foi produtivo em um sentido capitalista, porque o capital deve levar, por meio do processo de produção, a um capital ainda maior. É preciso haver investimentos líquidos para que se possa falar em formação de capital. Sem investimentos líquidos, ou seja, investimentos além da reposição de capital por meio do uso e da obsolescência, a produção aumentou às custas da acumulação. Lucros permanentemente não distribuídos não são lucros, e a produção sem acumulação não produziu capital. A ausência ou a baixa taxa de investimentos líquidos de capital, embora não necessariamente interrompa o aumento da produção e da produtividade, envolve o deslocamento de mão de obra que poderia ter sido evitado, pelo menos até certo ponto, por uma rápida formação de capital em conjunto com a cibernética.

Pode-se dizer, é claro, que os lucros não distribuídos são um sinal de superlucros e deixam a renda pessoal dos acionistas intacta. Isso é em grande parte verdade, conforme indicado pela "afluência" existente na esfera do consumo. Entretanto, os aparentes "superlucros" são assim apenas em virtude da demanda criada pelo governo. Eles apenas ilustram o fato de que o governo favorece as grandes empresas. Os subsídios por meio de contratos com o governo e uma produtividade maior, combinados com a estabilidade ou até mesmo com aumentos de preços, permitem reservas de lucros não distribuídos que acabam se transformando em mais automação. Mesmo assim, o fato de não haver uma taxa suficiente de investimentos líquidos mostra que isso é feito às custas das empresas menos privilegiadas e da sociedade como um todo.

Todas as empresas, sejam elas pequenas ou grandes, clamam por impostos mais baixos e cotas de depreciação mais altas para aumentar sua produtividade e capacidade competitiva por meio de melhorias tecnológicas. A automação acelera a obsolescência, e as empresas menores, incapazes de introduzir máquinas automáticas com rapidez suficiente, ficam no esquecimento. Assim, a cibernação é, ao mesmo tempo, um processo de concentração de capital - ou, melhor dizendo, acentua o processo de concentração inerente à concorrência de capital. A própria concentração de capital exige e permite novas extensões da automação. Se não houver uma taxa sempre crescente de formação de capital, o desemprego deve crescer. Como a probabilidade de tal taxa é extremamente baixa, o aumento da lucratividade por meio da cibernação pode muito bem ser anulado ou, de qualquer forma, significativamente diminuído pelo aumento

simultâneo e inevitável dos gastos do governo para lidar com as consequências sociais da cibernação.

No entanto, isso pode não acontecer se as condições sociais do futuro próximo desencorajarem tanto o crescimento da cibernação quanto o do "setor público" da economia - em outras palavras, se a sociedade, de modo geral, "congelar" as condições sociais existentes. Mas para fazer isso é necessário um controle centralizado sobre toda a economia e todos os seus vários aspectos, o que o governo não possui. Se ele tivesse esse controle, não presidiria mais uma economia de livre iniciativa. Além das dificuldades internas de uma sociedade estática, suas relações externas impedem a manutenção do *status quo* econômico. Diz-se que a automação deve superar as vantagens salariais estrangeiras por meio do aumento da produtividade dos Estados Unidos. Mas os Estados Unidos precisam competir não apenas na esfera econômica, mas também na militar, e aqui a produção de armas já depende em grande parte da tecnologia de automação. '

Ainda assim, o processo e as consequências da cibernação podem não ser tão dramáticos como Michael prevê. Muitas empresas que gostariam de se automatizar podem não ser capazes de fazê-lo sem necessariamente deixar de existir. Os subsídios podem ser estendidos a essas empresas, como os que foram concedidos a setores da agricultura. Isso não é menos provável ou diferente, em princípio, de sustentar os desempregados com a produção atual. Dessa forma, parte da empresa privada (em sua forma tecnologicamente atrasada) pode se tornar parte do "setor público" da economia. Há muito tempo isso se aplica a setores de grandes empresas. A menos que os privilégios dessas empresas, como contratos com o governo, isenções fiscais e taxas de depreciação extraordinárias, sejam reduzidos, o setor lucrativo da economia, que está encolhendo, terá de ceder uma parcela ainda maior de seus lucros ao setor público. Isso chegaria ao seu fim "lógico" quando as demandas do governo excedessem a capacidade de compartilhamento de lucros da empresa privada.

No entanto, o curso real dos acontecimentos, determinado como é pela interação de interesses diversos e contrários, raramente, ou nunca, é "lógico". Pode ser lógica e economicamente possível ter um setor altamente cibernético com, digamos, 20 milhões de desempregados, mas, na prática, isso é bastante improvável. A menos que sejam reprimidos por medidas terroristas, surgirão movimentos sociais para mudar essa situação, seja alterando a natureza da sociedade ou variando a relação entre produção e emprego. Da mesma forma, a acentuação da concentração de capital por meio da

cibernética provavelmente traria forças políticas que poderiam muito bem interromper esse desenvolvimento. Contra as necessidades reais, as atitudes fetichistas em relação ao sistema de produção e sua tecnologia perderão seu domínio, e as pessoas tentarão mudar a estrutura social em vez de se acomodarem a ela indefinidamente. No final, a questão da cibernação em seu grau de aplicação será resolvida por ações políticas, independentemente do que, do ponto de vista econômico ou tecnológico, seja "lógico".

Mas mesmo em bases puramente econômicas, a cibernação encontra seus limites quando começa a contradizer a rentabilidade do capital. De qualquer forma, seu desenvolvimento completo seria um processo muito longo, pois exige o deslocamento de todo o equipamento de produção existente. Jogar fora todo o capital baseado em uma tecnologia antiga é jogar fora o trabalho congelado de gerações necessário para a produção atual. Criar o capital de uma tecnologia radicalmente nova também requer o trabalho de gerações. A cibernação só pode ser aplicada de forma fragmentada, independentemente da natureza da sociedade, mas no capitalismo ela é duplamente prejudicada porque só pode ser aplicada na medida em que protege e promove o crescimento do capital existente. Em alguns setores, como o químico, por exemplo, a automação aumentou o equipamento de capital por trabalhador de produção em cinco ou até dez vezes. Mesmo que nem todos os setores consigam se automatizar na mesma medida, o investimento de capital por trabalhador da produção deverá aumentar e será com base nesse capital ampliado que os lucros serão medidos. Se eles não forem equivalentes à nova estrutura de capital, não haverá incentivo para mais automação.

Isso não impedirá que determinados setores e corporações aumentem sua produtividade para obter vantagens competitivas, mas como sua lucratividade também é determinada pela da sociedade como um todo, suas vantagens competitivas podem não garantir sua lucratividade.

Levando em consideração os desenvolvimentos passados e julgando as condições atuais de forma realista, o futuro da cibernação não parece nada promissor, exceto, talvez, para determinados setores, especialmente aqueles envolvidos na produção de armamentos. Quando são necessárias instalações totalmente novas que envolvam a aplicação das novas ciências da física nuclear, eletrônica e cibernética, essas instalações podem, desde o início, e independentemente do custo, exibir o significado pleno da cibernação. De fato, foi dito que "aquelas máquinas milagrosas nas quais a

cibernética poderia desenvolver todos os seus recursos parecem ser utilizáveis apenas como motores da morte. " ²⁰

VIII

Um método de lidar com o aumento da produtividade por meio da cibernação seria reduzir o número de horas de trabalho e proporcionar às pessoas mais tempo de lazer. Quase que uniformemente, entretanto, esse método é questionado ou totalmente rejeitado, não por sua oposição ao mecanismo capitalista, mas porque a sociedade "não conseguiu desenvolver um lazer significativo". O tédio é considerado um problema muito sério e até mesmo perigoso porque "ainda é verdade que o homem feliz é muitas vezes aquele que não tem tempo suficiente para se preocupar se é feliz ou não.²¹ " Todos os tipos de crimes e delinquências são atribuídos ao aumento do lazer, que, portanto, deve primeiro ser "organizado" pelas autoridades competentes antes de ser concedido.

Essa conversa tola e insincera pode ser descartada imediatamente. A classe de lazer sempre considerou o lazer das classes mais baixas desagradável e perigoso para seu próprio lazer. Observando as maravilhas da primeira revolução industrial, Delacroix refletiu sobre as "pobres pessoas maltratadas, [que] não encontrarão felicidade no desaparecimento do trabalho. Veja esses ociosos condenados a arrastar o fardo de seus dias e sem saber o que fazer com seu tempo, que as máquinas reduzem ainda mais.²² " No entanto, o lazer é exatamente o que a maioria das pessoas mais precisa e menos tem - ou seja, lazer sem necessidades. O lazer dos famintos ou dos necessitados não é lazer algum, mas uma atividade incessante com o objetivo de permanecer vivo ou melhorar sua situação. Sem mais lazer, não pode haver melhoria da condição humana.

Essa questão não pode sequer ser levantada nas condições atuais. Como exceção à regra, e auxiliado por circunstâncias especiais, um ou outro grupo de trabalhadores pode conseguir reduzir seu tempo de trabalho sem diminuir sua renda. Mas reduzir as horas de trabalho em geral e manter a mesma massa salarial transformaria a cibernação em um caso sem sentido no que diz respeito aos capitalistas. O objetivo da cibernação é justamente reduzir os custos salariais em relação aos custos gerais dos "fatores de produção" e recuperar os custos mais altos de capital por meio de maior produtividade. Sem dúvida, os salários reais aumentaram e as horas de trabalho foram reduzidas, mas

²⁰ P. de Latie, *Thinking by Machine*, Boston, 1957, p. 284.

²¹ R. Theobald, *The Challenge of Abundance*, Nova York, 1962, p. 86.

²² *The Journal of Eugene Delacroix*, Nova York, 1961, p. 512.

sempre a uma taxa inferior à do aumento da produtividade. Caso contrário, não teria havido formação de capital. Teoricamente, não há razão para que esse processo não continue por meio da cibernação. Na prática, isso não acontece, o que se manifesta pela baixa taxa de formação de capital e pelo fato de que o declínio da força de trabalho não é apenas relativo à massa de capital, mas também absoluto.

Pode-se argumentar, é claro, que não há mais necessidade de formação extensiva de capital e que a mera substituição e modernização do aparato produtivo existente é suficiente para satisfazer todas as necessidades sociais. Qualquer aumento na produtividade poderia então ser imediatamente traduzido em salários mais altos, horas mais curtas ou ambos. Embora isso seja possível, *não* é possível dentro do sistema capitalista, e aqueles que propõem seriamente essa solução devem estar preparados para mudar o sistema.

A "solução" capitalista para o problema da cibernação não se encontra em salários mais altos e em uma semana de trabalho mais curta para a população trabalhadora, mas em maior lucratividade expressa em aumento de capital. Se todas essas coisas coincidirem, tanto melhor; caso contrário, o capital tentará garantir sua lucratividade às custas do trabalho. Cada empresário, ou corporação, emprega o mínimo de mão de obra em relação ao investimento de capital; cada um, é claro, tenta aumentar esse mínimo por meio de um investimento correspondentemente maior. Eles estão interessados - do ponto de vista econômico - não em uma força de trabalho maior ou menor, mas na força de trabalho que se mostrar mais lucrativa. Eles não estão, e não podem estar, preocupados com a força de trabalho nacional; os desempregados são responsabilidade do governo, embora ele possa sustentá-los apenas com fundos extraídos de toda a sociedade. Contribuir o mínimo possível para esse fundo é, portanto, outro objetivo do empresário ou da corporação.

Como a sociedade - no que diz respeito à produção - é composta por inúmeras empresas que operam e competem de forma independente, cada uma seguindo os ditames da lucratividade, não há como compartilhar o trabalho disponível entre a força de trabalho total. Haverá excesso de trabalho para alguns e desemprego para outros. Não apenas os empregadores, mas também os trabalhadores mais afortunados, insistirão em horas de trabalho que rendam salários adequados ao seu modo de vida habitual. Em vez de horas mais curtas, haverá um desemprego crescente, e os custos do desemprego deverão ser pagos pelos empregados. Pois, em "última análise", o produto social total é dividido entre os proprietários do capital e a população produtiva, independentemente

de como os proprietários ou controladores do capital redividam, ou sejam forçados a redividir, sua parte para fins de acumulação e sustento da população não produtiva. O que cabe aos desempregados deve ser subtraído da parcela total que cabe ao capital, e o que cabe aos desempregados não pode ser dado aos empregados, restringindo assim, nessa medida, quaisquer aumentos salariais possíveis.

Embora os salários não aumentem significativamente em condições de desemprego crescente, as pressões sociais e o aumento da produtividade podem impedir que eles caiam. Se eles pudessem ser reduzidos em condições de aumento da produtividade, a lucratividade do capital poderia se expandir em um ritmo mais rápido - desde que, é claro, os mercados crescessem simultaneamente, o que não é necessariamente o caso. Tudo o que isso implica - do ponto de vista da sociedade como um todo - é que menos é consumido e mais é "poupado", ou seja, o capital se acumula. Canalizar o aumento da produção por meio do aumento da produtividade para a demanda criada pelo governo, como armamentos e programas espaciais, teria um efeito oposto, pois aumentaria o "consumo" às custas da "poupança". Isso não é "consumo" no sentido comum, é claro, mas tem o mesmo efeito. O governo - sendo um governo de empresas privadas - para não destruir a comercialização da produção privada mais rápido do que já foi feito, prefere "consumir" o aumento da produção na forma de desperdício, racionalizado como "defesa nacional" ou "exploração científica".

Os padrões de vida já alcançados são difíceis de desfazer. Exceto em condições de guerra real, qualquer tentativa geral de reduzir a renda a um nível anterior pode levar a conflitos sociais, o que, por sua vez, pode anular quaisquer ganhos obtidos nesse sentido. Além disso, nas condições econômicas sensíveis de hoje, os deslocamentos da produção industrial associados a uma mudança decisiva de bens de consumo para bens de capital podem ser mais prejudiciais à estabilidade social do que a estagnação do capital. Esse é um dos motivos para escolher o método mais sutil de inflação gradual para reduzir o consumo no sentido comum, a fim de "consumir" mais no sentido extraordinário e, ainda assim, garantir a lucratividade do capital privado.

Em resumo, pode-se dizer que uma cibernação extensiva da produção parece improvável pelo mesmo motivo que a torna tão atraente para o capital, ou seja, a insuficiência predominante de lucratividade e a consequente baixa taxa de crescimento econômico. Mas mesmo um grande aumento da cibernação não levaria a um aumento do consumo - à abundância geral - mas a um aumento da produção de resíduos, à miséria do desemprego e à transformação lenta, mas inevitável, da "economia mista" em

um sistema capitalista de estado. Enquanto isso, assim como os países subdesenvolvidos vivem ansiosos porque não são capazes de administrar as antigas condições semifeudais nem de entrar na industrialização capitalista, as nações capitalistas desenvolvidas também vivem ansiosas, incapazes de administrar seu sistema de produção e incapazes de mudar sua estrutura social na medida necessária para o pleno desenvolvimento das forças sociais de produção e a abolição progressiva do trabalho.